

# ADOCIMENTO MENTAL: INTERFACES COM O AMBIENTE DE TRABALHO DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19, SOB A ÓTICA DOS PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM

MENTAL ILLNESS: INTERFACES WITH THE WORKING ENVIRONMENT DURING THE COVID-19 PANDEMIC, FROM THE PERSPECTIVE OF NURSING PROFESSIONALS

## Jacson Renato da Costa da Silva

Bacharel em Enfermagem pela Universidade Feevale (Novo Hamburgo/Brasil).  
E-mail: 0131529@feevale.br

## André Luis Machado Bueno

Doutor em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre/Brasil).  
Professor da Universidade Feevale (Novo Hamburgo/Brasil).  
E-mail: andrebueno@feevale.br

## Andreia Simone Muller

Mestra em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de São Paulo (São Paulo/Brasil).  
Professora na Universidade Feevale (Novo Hamburgo/Brasil).  
E-mail: andreiasm@feevale.br

## Juliane de Souza Scherer

Doutoranda em Patologia pela Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (Porto Alegre/Brasil).  
Professora Assistente na Universidade Feevale (Novo Hamburgo/Brasil).  
E-mail: sjuliane@feevale.br

Recebido em: 12 de setembro de 2021

Aprovado em: 6 de novembro de 2021

Sistema de Avaliação: Double Blind Review

RPR | a. 19 | n. 1 | p. 234-250 | jan./abr. 2022

DOI: <https://doi.org/10.25112/rpr.v1.2574>

**RESUMO**

O crescimento de patologias invisíveis decorrentes do desgaste psíquico dos profissionais de enfermagem acende um alerta: faltam políticas trabalhistas das instituições com foco na prevenção. Este estudo tem como objetivo avaliar qual a percepção dos profissionais de enfermagem sobre o adoecimento mental em seu ambiente de trabalho, potencializado com o atual momento pandêmico. Também visa a identificar quais são as ações que as instituições de saúde contratantes adotam como medidas de prevenção. Trata-se de estudo transversal e descritivo, no qual utilizou-se à técnica de *snowball*, através da ferramenta *Google Forms*®. A pesquisa respeitou os preceitos éticos da Resolução CNS 466/2012 e foi realizada nos meses de julho e agosto de 2020. Responderam aos questionamentos 45 enfermeiros e 56 técnicos em enfermagem, com prevalência de 85,14% sendo mulheres. A elevada carga horária e a pressão na rotina de trabalho, a baixa remuneração e as condições precárias para o exercício da atividade foram os fatores listados que mais somaram para o adoecimento mental. Embora 73 dos respondentes nunca houvessem se afastado do trabalho por períodos prolongados, 30 destes foram afastados por adoecimento mental. Salienta-se que 61 profissionais de enfermagem, os quais responderam, não têm conhecimento de iniciativas preventivas para adoecimento mental em suas empresas. Este estudo revela que o ambiente laboral, as condições precárias para o exercício das atividades, a sobrecarga de trabalho associado ao medo do desconhecido, como a nova a doença causada pelo coronavírus, a Covid-19, são os principais fatores que contribuem para o desenvolvimento de patologias mentais dos profissionais de enfermagem. Deste modo, torna-se essencial que medidas protetivas para o autocuidado em saúde mental sejam oferecidas pelas instituições de saúde.

**Palavras-chave:** Enfermagem. Saúde Mental. Saúde do Trabalhador.

**ABSTRACT**

The growth of invisible pathologies resulting from the psychological exhaustion of nursing professionals raises an alert to the lack of labor policies in institutions with a focus on prevention. This study aims to assess the perception of nursing professionals about mental illness in their work environment, enhanced by the current pandemic moment. It also aims to identify the actions that contracting health institutions adopt, as a preventive measure. This is a cross-sectional and descriptive study, in which the snowball technique was used, using the *Google Forms*® tool. The research complied with the ethical precepts of Resolution CNS 466/2012, being held in July and August 2020. 45 nurses and 56 nursing technicians answered the questions, with a prevalence of 85.14% being women. The high workload, the pressure in the work routine, the low pay and the precarious conditions for the exercise of the activity were the factors listed that most contribute to mental illness. Although 73 of the respondents did not leave work for prolonged periods, 30 were absent due to mental illness. It should be noted that 61 nursing professionals, who responded, are not aware of preventive initiatives for mental illness in their companies. This study reveals that the work environment, poor conditions for performing activities, work overload and fear of the unknown, such as the disease caused by the coronavirus, are considered the main factors that contribute to the mental illness of nursing professionals. Thus, it is essential that protective measures for self-care in mental health are offered by health institutions.

**Keywords:** Nursing; Mental health. Worker's health.

## INTRODUÇÃO

No Brasil, existem aproximadamente 2.305.946 (dois milhões, trezentos e cinco mil, novecentos e quarenta e seis) profissionais de enfermagem, como auxiliares, técnicos de enfermagem e enfermeiros (COFEN, 2020). Na mesma velocidade de crescimento da área, destaca-se o avanço entre onexo causal do trabalho e o adoecimento mental destes profissionais. Carga horária excessiva de trabalho, condições precárias para o exercício da profissão, a baixa remuneração, desempenho do trabalho em mais de um local, associado ao medo do desconhecido, como a nova a doença causada pelo coronavírus, a Covid-19, são os principais fatores que contribuem para este adoecimento. O estresse, a ansiedade, a depressão e outras síndromes lideram os motivos para haver um grande número de profissionais afastados do seu ambiente de trabalho (MARTINS *et al.*, 2020).

O setor saúde apresenta um alto índice de adoecimento dos trabalhadores decorrente da exposição frequente a cargas biológicas, físicas e psíquicas. Dentre esses trabalhadores, à enfermagem representa o maior contingente da força de trabalho. Sobretudo, em hospitais, ficam mais expostos e vulneráveis ao desenvolvimento de agravos à saúde. Em especial, os transtornos mentais e comportamentais, devido ao contato frequente com o sofrimento e a morte dos pacientes, acrescido as intensas cargas de trabalho (OLIVEIRA *et al.*, 2019).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) elaborou um guia para orientar cuidados à saúde mental de diversos grupos, incluindo, os profissionais de saúde. O documento resume a identificação de sinais e sintomas dos principais riscos para o adoecimento mental; bem como, estabelece estratégias para o enfrentamento do momento crítico da pandemia do novo Coronavirus (OMS/OPAS, 2020).

Segundo a OMS, a saúde mental deve ser parte integrante e central do plano de enfrentamento da crise, sendo que a saúde mental e o bem-estar das populações, são afetados de forma dramática pela pandemia e, é urgente, que todos os países considerem essas questões de forma prioritária (UNITEDNATIONS, 2020). Com a progressão da pandemia, além do medo do desconhecido, começam a ser sentidos os efeitos do isolamento, do confinamento, da piora das condições socioeconômicas, das incertezas sobre o futuro, da multiplicidade de mensagens pouco confiáveis a respeito de tratamentos ou prevenção e, por último, da própria doença, que passa a afetar pessoas cada vez mais próximas e causando sofrimento e luto (PELLANDA, 2020).

Algumas situações de vulnerabilidade são potencializadas por todos esses fatores, como violência doméstica, desigualdades sociais, exposição de trabalhadores precarizados, falta de estrutura para lidar com a suspensão das atividades escolares em vários níveis (CASTRO-DE-ARAUJO; MACHADO, 2020).

Para os trabalhadores da saúde o estresse e a pressão de lidar com o ofício, acrescido do risco de adoecer, provocam severos problemas de saúde mental, aumentando o "turnover" (alta rotatividade de funcionários em uma empresa) e a "Síndrome de Burnout" (estado de tensão emocional e estresse crônico provocado por condições de trabalho desgastantes) (PÊGO; PÊGO, 2016). Ainda, são responsáveis por gerar graves problemas como ansiedade e depressão (OMS/OPAS, 2020). Desta forma, a saúde destes trabalhadores necessita que, em seu ambiente laboral, sejam adotadas medidas preventivas não apenas aos aspectos biológicos mas também, que sejam adotados fatores de prevenção para os aspectos psíquicos e sociais.

Em uma pesquisa realizada pelo COREN/SP em abril de 2020 denominada: "sondagem sobre adoecimento mental", foram entrevistados 23.737 profissionais de enfermagem e questionando se estes, já haviam sofrido adoecimento mental. De forma expressiva, 53% dos participantes afirmaram sofrer de adoecimento mental decorrente do trabalho. Destes, a ansiedade foi referida por 79,3%, a depressão em 50,8% das respostas, a Síndrome de Burnout em 27,3%, estresse e síndrome do pânico 6,1%. Os principais fatores para o adoecimento referidos na pesquisa foram: a sobrecarga, as condições e jornada de trabalho, além do clima organizacional, somado a falta de local para descanso (COREN/SP, 2020).

A carga mental, as características da tarefa e as pressões temporárias vinculadas a estas influenciam no ritmo do trabalho. O grau de autonomia e a interação com outras pessoas são fatores psicossociais que interagem entre o trabalho, os profissionais e o ambiente, assim como com a satisfação do trabalho realizado junto às condições organizacionais. Todos estes aspectos exercem consequências sobre a saúde do trabalhador. As demandas psicológicas, o controle sobre o trabalho, as recompensas e a segurança do emprego, podem influenciar positivamente ou negativamente, por envolver capacidade do profissional, suas necessidades, sua cultura e situações pessoais (ALVIM *et al.*, 2017).

Situação que se agrava com o advento da pandemia de Covid-19 (*Coronavirus Disease*) que surge no final de 2019, na China, tomando proporções avassaladoras por todo o mundo, e suscitando reações dos sistemas de saúde mundiais, nacionais e locais. Panorama que tem gerado estresse psicológico e transtornos psiquiátricos, como pânico, ansiedade, depressão, transtornos de estresse pós-traumático e xenofobia na população em geral e nos profissionais de saúde principalmente, na categoria médica e de enfermagem (VASQUEZ, 2020).

O isolamento social e o aumento da demanda de trabalho dos profissionais e de gestores em saúde, bem como, os desdobramentos no mundo do trabalho, alertam para a necessidade de atenção e cuidado com a saúde mental de todos. Tais implicações psicológicas podem ser mais duradouras e prevalentes que a própria pandemia, repercutindo também, em distintos setores da sociedade (VASQUEZ, 2020).

Durante uma pandemia é esperado sentir-se em estado de alerta, preocupado, confuso, estressado e com a sensação de falta de controle frente às incertezas do momento. Estima-se que entre um terço e a metade da população exposta a uma epidemia, possam vir a sofrer alguma manifestação psicopatológica, caso não seja feita nenhuma intervenção de cuidado específico para as reações e os sintomas manifestados (FIOCRUZ, 2020).

Considerando esse momento ímpar, a OMS alertou aos profissionais de saúde que: o surto de Covid-19 é uma situação única e inédita para muitos trabalhadores, particularmente, se nunca participaram de respostas semelhantes. "Essa não é uma corrida de 100 metros, é uma maratona" (OPAS/OMS, 2020, p. 2).

Desta forma, torna-se fundamental um olhar mais crítico ao ambiente laboral assim como, a adoção de medidas de prevenção e cuidado aos profissionais de enfermagem. Este estudo justifica-se por aprofundar qual o entendimento dos profissionais de enfermagem quanto ao assunto saúde mental, considerando o aumento exponencial destes trabalhadores adoecendo diariamente em seu ambiente laboral. Portanto, questiona-se qual a percepção dos profissionais de enfermagem sobre o adoecimento mental e o seu ambiente de trabalho durante a pandemia?

Este estudo buscou investigar a percepção dos profissionais de enfermagem sobre o adoecimento mental, influenciado pelo seu ambiente de trabalho e o momento atual de pandemia, quais as ações que as instituições contratantes estão adotando a fim de prevenir tais patologias nestes trabalhadores.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de um estudo transversal e descritivo, cuja população em estudo foi composta por profissionais de enfermagem (técnicos de enfermagem e enfermeiros). Para a seleção amostral, foi utilizada a técnica de "*snowball*" ou "bola de neve". Os dados foram apresentados em tabelas e figuras, respeitando as técnicas de análise descritiva.

A amostragem em bola de neve utiliza-se das ligações entre os membros da população para conseguir, partindo de alguns indivíduos membros desta população, obter uma amostra dela. O método funciona a partir da indicação por parte de algum indivíduo da população de outros que também fazem parte e assim sucessivamente, caracterizando-se num formato semelhante ao de uma bola de neve que vai acumulando os flocos de neve ao rolar e se tornando cada vez maior (DEWES, 2013).

Como critérios de inclusão foram definidos: profissionais maiores de 18 anos, trabalhadores da área de enfermagem com experiência superior a 1 ano de atuação e, os que concordaram em participar do estudo através da anuência ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Foram excluídos:

gestores administrativos e outros trabalhadores da área da saúde que não fossem enfermeiros e técnicos em enfermagem assim como, os que não aceitassem participar do estudo.

A pesquisa respeitou os preceitos éticos da Resolução do CNS 466/2012. Após confirmar sua adesão ao TCLE, o profissional foi direcionado ao questionário "online", o qual descrevia uma breve caracterização do tema, seguido por perguntas intercaladas de escolhas simples e múltiplas, utilizando a ferramenta *Google Forms*®. O período de coleta dos dados ocorreu nos meses de julho e de agosto de 2020.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados a seguir dizem respeito aos 101 questionários eletrônicos com origem em profissionais da rede pública, da iniciativa privada e de redes de filantropia. Os registros indicaram que no que se refere ao gênero, houve uma prevalência de 85,1% de mulheres. A média de idade dos participantes foi de 37,48 anos. No que se refere ao cargo, 44,5% possuíam o curso superior de enfermagem e 55,5%, possuíam o curso técnico em enfermagem. A média de tempo na profissão foi de 6,3 anos e, quando considerado a média de permanência na mesma empresa, o resultado foi de 4,4 anos. No quesito perfil de instituição de trabalho, 33,66% dos profissionais trabalhavam na rede pública de saúde, 51,48% na rede particular e 14,85% em redes de filantropia.

**Tabela 1 - Respostas para a pergunta:  
Dentre os fatores abaixo, quais você acredita que possam contribuir para o adoecimento mental dos profissionais de enfermagem?**

*Respostas	N (%)
Pressão da rotina de trabalho	83 (77,6)
Baixa remuneração	76 (71,0)
Exercer a atividade em mais de um local de trabalho	70 (65,4)
Condições precárias para o exercício da profissão	70 (65,4)
Elevada carga de trabalho	67 (62,6)

**Fonte: Pesquisa direta, 2020. \*Respostas de múltiplas escolhas.**

A pressão na rotina de trabalho (77,6%) e a baixa remuneração (71%), lideraram as respostas como os principais fatores que contribuem para um adoecimento mental dos profissionais de enfermagem (tabela 1). Tais achados são amparados na literatura, em que apontam o processo de trabalho em saúde, hospitalar ou na Atenção Primária, como responsável pelo desgaste emocional do trabalhador, o que influencia diretamente no seu desempenho no trabalho e na sociedade (CARREIRO *et al.*, 2013, p. 147).

Em relação às condições de trabalho, uma revisão de literatura afirma que o ambiente de trabalho na enfermagem é marcado pela competitividade e condutas padronizadas, trazendo consequências para a saúde do trabalhador. Somam ainda aos trabalhadores de enfermagem, a exposição às cargas psíquicas, à insatisfação dos usuários, a carência de recursos humanos e consequentemente, à sobrecarga de trabalho (ALVIM *et al.*, 2017).

Chama a atenção que a remuneração não foi o primeiro fator a ser considerado pelos profissionais quando questionados sobre os fatores que possam contribuir para um adoecimento mental. Se somados os quesitos como a elevada carga de trabalho e ao exercício da profissão em mais de um local, refletem o desconforto dos profissionais em seus ambientes laborais (tabela 1). Alguns fatores reportados por (BRAGA, 2010), corroboram com estes resultados: baixos salários, ambientes insalubres, ruídos e calor excessivos, acúmulo de funções, jornadas de trabalho que excedem a carga horária suportável, regime em turnos alternantes, e muitas vezes, ainda enfrentam a falta de equipamento de proteção individual (EPIs), contribui significativamente para mudança no perfil epidemiológico do adoecimento dos trabalhadores.

Entre os participantes, 87,9% concordaram que situações de extrema exigência física e mental dos profissionais de enfermagem como por exemplo, o atual momento de pandemia da Covid-19, podem causar sofrimento psíquico a estes profissionais. Resultado reforçado pelos achados atuais, que sinalizam a utilização de protocolos para atendimento aos pacientes acometidos pela Covid-19, concomitantemente, a utilização de ferramentas de acompanhamento psicológico a estes profissionais (SOUZA E SOUZA; SOUZA, 2020).

As condições de trabalho da equipe de enfermagem incluem extensas jornadas, ritmo intenso, desvalorização profissional, conflitos interpessoais, entre outros fatores desencadeantes de desgastes físicos e psíquicos. Estas condições são potencializadas durante a pandemia pelo número de pessoas infectadas e pela escassez de EPIs adequados, situações que elevam os desgastes devido ao medo de infectar-se ou de transmitir o vírus aos entes queridos (MIRANDA *et al.*, 2020).

Além disso, os profissionais de enfermagem vivenciam um dilema ético e moral constante, pois estão envolvidos na engrenagem do sistema de saúde, nesse momento caótico e ainda mais saturado em virtude da pandemia.

O estresse é um problema atual, estudado por vários profissionais, pois apresenta risco para o equilíbrio normal do ser humano. O problema do estresse ocupacional em profissionais da saúde e em particular em enfermeiros é um tema contemporâneo de debate e investigação. Assim, os estudos têm vindo a evidenciar que os enfermeiros representam uma classe profissional particularmente exposta a elevados níveis de pressão e estresse (ALVIM *et al.*, 2017).

No Brasil, a depressão atinge 10% da população. A ansiedade afeta cerca de 10 milhões de pessoas em todo o mundo e o estresse já é considerado uma epidemia global (SOUZA; BERNARDO, 2019). Um estudo conduzido em Curitiba demonstrou que os transtornos depressivos superaram a marca de 50% dos registros de afastamento, seguidos pela ansiedade e reação do estresse (SANTANA *et al.*, 2016).

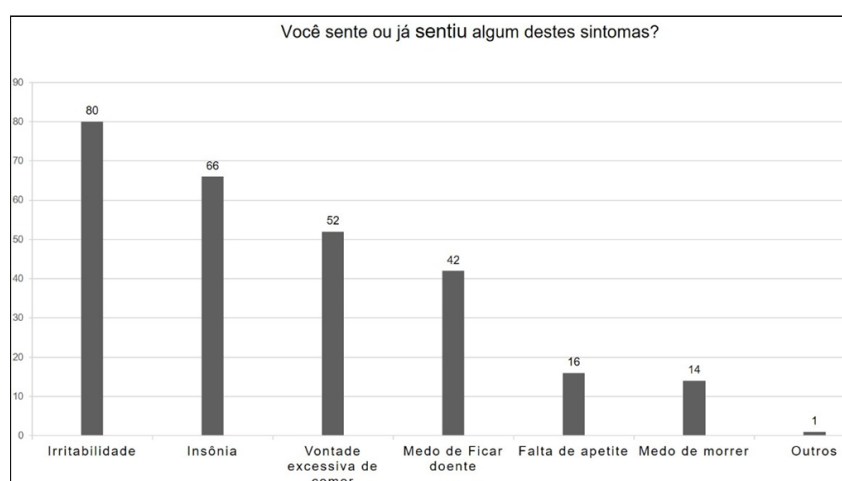
Por ser silenciosa e muitas vezes, gerar vergonha para quem sofre (se não identificada por familiares, amigos e colegas de trabalho), a depressão pode levar a um suicídio quase sempre inesperado. Justamente por isso, esse profissional de enfermagem precisa ter um suporte emocional para conseguir lidar com o seu trabalho diário sem ser afetado em sua vida pessoal (NEVES, 2020).

Embora 70,1% dos respondentes da pesquisa não tenham se afastado do trabalho por períodos prolongados, impressiona a quantidade de artigos que abordam o tema e alertam para a necessidade da criação e implantação de novas políticas que assegurem a integridade física e mental dos trabalhadores, adotando a fiscalização para assegurar o cumprimento das normas já existentes (ALVIM *et al.*, 2017).

Dentre as principais consequências do adoecimento mental dos profissionais de saúde podemos destacar o absenteísmo. O absenteísmo refere-se à ausência do trabalhador em seu local de trabalho. Dentre os denominados fatores humanos no processo de trabalho, que incluem as chamadas doenças ocupacionais e a rotatividade, o absenteísmo situa - se entre os efeitos mais danosos ao processo de trabalho, ao suporte social do trabalhador (SOUZA E SOUZA; SOUZA, 2020).

Alguns sintomas são associados aos transtornos mentais. A pesquisa revelou os seguintes achados (figura 1):

**Figura 1: Sintomas referidos pelos participantes.**



**\*Respostas de múltipla escolha – Total 271**

**Fonte: Pesquisa direta, 2020.**



Com relação à manifestação de sintomas considerados somáticos, os participantes puderam responder a mais de uma opção, ponderando que 74,8% responderam que já sentiram irritabilidade, 61,7% insônia, 48,6% vontade excessiva de comer, 39,3% disseram ter medo de ficar doente, 15% sentem falta de ar e, 13,1% relataram sentir medo da morte.

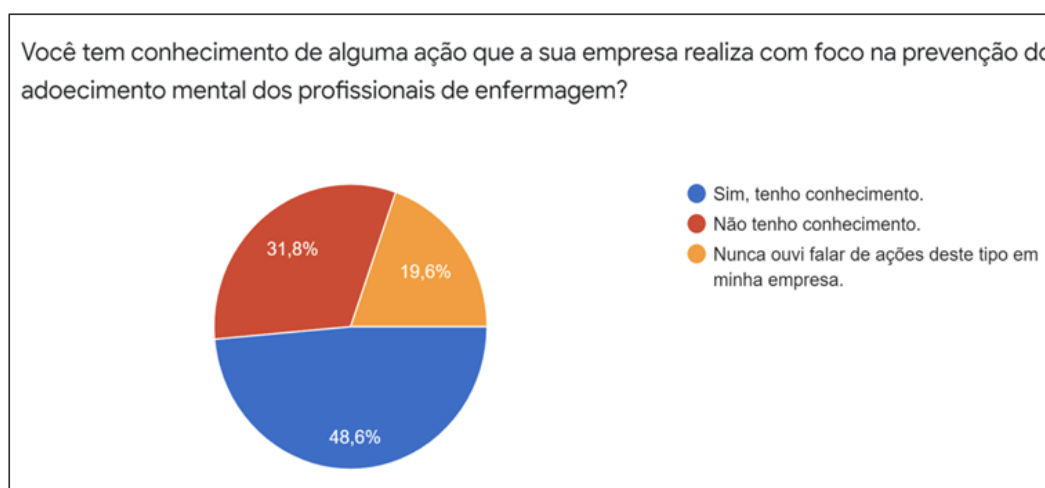
Além dos fatores listados anteriormente, o risco de infecção por Covid-19 pode causar estresse psicossocial significativo para as equipes de saúde. Dessa forma, alternativas devem ser buscadas para minimizar o efeito da exposição psicológica sofrida pelos profissionais de saúde.

Para aliviar o estresse mental de enfermeiras em um hospital na China, a coordenação de enfermagem realiza uma reunião de 30 minutos com os enfermeiros alocados na área de isolamento, no intuito de sensibilizá-los quanto aos equipamentos de proteção individual e outros recursos do hospital. Além disso, os enfermeiros são amparados e estimulados a relatarem algum desconforto; em caso de sintomas de ansiedade ou insônia, os profissionais são encorajados a procurar a ajuda de psicoterapeutas da equipe de plantão 24 h (HUANG *et al.*, 2020).

Lamentavelmente, esta falta de cuidado é uma prática comum nas instituições contratantes.

Quando indagados sobre o conhecimento de alguma ação que a empresa contratante realiza com foco na prevenção do adoecimento mental dos profissionais de enfermagem, o resultado está ilustrado na figura 2, a seguir:

**Figura 2 - Medidas preventivas para adoecimento mental conhecidas pela equipe de enfermagem.**



**Fonte: Pesquisa direta, 2020.**

Se considerarmos as respostas em que os profissionais não têm conhecimento de nenhuma ação, somado aos que nunca ouviram falar de qualquer tipo de planejamento da empresa com foco na prevenção

destas patologias mentais, um total de 51,4% profissionais desconhecem em suas empregadoras ações com foco na prevenção do adoecimento mental. Tal fato desperta um alerta sobre o assunto.

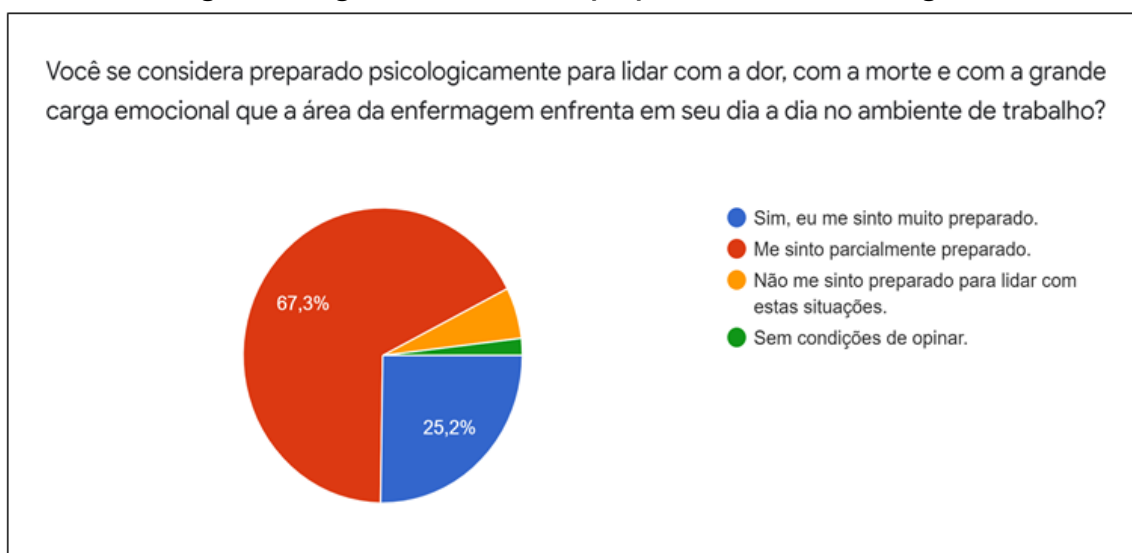
Segundo Schmidt, 2020, a atuação do psicólogo junto aos profissionais da saúde, é destacado pela baixa adesão às intervenções em função da falta de tempo e do cansaço pela sobrecarga de trabalho, em particular para aqueles que estão na linha de frente. É comum que profissionais estressados ou com alguma carência psíquica sejam os últimos a reconhecer sua necessidade de apoio e esses estigmas da resistência, conhecido como \*psicofobia, (preconceito contra as pessoas que apresentam transtornos ou doenças mentais) pode ser um obstáculo para pedir ajuda, o que faz com que esses trabalhadores não priorizem o autocuidado (SCHMIT,2020).

Considerando o afastamento do trabalho por mais de cinco dias por patologias do universo de saúde mental, segundo diretrizes do Ministério da Saúde, os participantes responderam que 10,3% já foram afastados por ansiedade, 5,6% por depressão, 2,8% por *Síndrome de Burnout*. Neste quesito existe um antagonismo ocupacional. Enquanto alguns buscam tratamento diante dessa situação, outros evitam abordar o assunto por medo de possível dispensa do trabalho. Esse é um ponto que requer atenção institucional, principalmente num contexto de pandemia, em que deve garantir assistência precisa e segura (TOLÊDO, 2021). Outros achados: 0,9% responderam afastamento por tentativa de suicídio e 0,9% por bipolaridade.

Em 2020, em virtude da pandemia, foi criada a Rede de Apoio Psicológico aos trabalhadores da saúde. A iniciativa nasceu a partir da vivência de psicólogos que começaram a receber em seus consultórios relatos de angústia e medo de trabalhadores da saúde. No entanto, também há estudos para embasar a necessidade de apoio para os profissionais. Isto justifica a figura 2, reforçando que os profissionais de enfermagem veem adoecendo em seu ambiente laboral, sem ter o devido acompanhamento psicológico (BRASIL, 2020).

Observa-se a importância de um acolhimento adequado para o conforto mental destes profissionais. Na pergunta "você já pensou em se ferir no seu ambiente de trabalho", 5,9% responderam sim e talvez, revelando como são necessárias as redes de apoio aos profissionais de enfermagem. A saúde mental dos trabalhadores da saúde após o pico da pandemia Covid-19, sem dúvida, será afetada. Desastres em grande escala, incluindo a pandemia anterior de H1N1, foram acompanhados por aumento dos sintomas de insônia, depressão e uso de substâncias, particularmente, em trabalhadores da linha de frente (GOULIA *et al.*, 2010; NERIA *et al.*, 2008).

**Figura 3 - Carga emocional referida por profissionais de enfermagem**



**Fonte: Pesquisa direta, 2020.**

A figura 3 ilustra a carga emocional suportada pelos profissionais de enfermagem. Apenas 5,9% acusaram não se sentirem preparados para enfrentar situações dolorosas. As consequências apresentadas pelo somatório dos 67,3% que se julgam parcialmente preparados, podem a longo prazo se não observados, acometer de forma desastrosa a saúde destes colaboradores. A pressão do trabalho e principalmente de estar na linha de frente no combate ao coronavírus, resultam em históricos psiquiátricos.

Conforme recente revisão de literatura sobre suicídio durante a pandemia, entre os principais grupos de risco citados nos 14 artigos estudados, destaca-se: indivíduos com histórico de transtornos psiquiátricos, doenças crônicas, profissionais de saúde da linha de frente de combate à Covid-19, pessoas que desenvolveram a doença e idosos (SCHUCK *et al.*, 2020).

De maneira assustadora as instituições, o poder público, os administradores e, até mesmo os próprios trabalhadores, relutam em abordar o assunto. A saúde mental é negligenciada, havendo poucas iniciativas para a defesa deste tema (SOUZA; BERNARDO, 2019).

Segundo a OMS, a cada 40 segundos, uma pessoa comete suicídio no mundo e, para cada pessoa que comete suicídio, outras 20 tentam (OMS, 2019, 2020). Em estudo conduzido com a população norte-americana, foram identificados alguns fatores de risco relacionados à pandemia para desenvolvimento ou exacerbação de transtornos de humor, solidão, tensão econômica, aumento do uso de álcool, redução do nível de atividade física e conflito interpessoal aumentado (TWENGE; JOINER, 2020).

Após as evidências científicas demonstrarem que a equipe de saúde tem passado por sofrimento psicológico com a pandemia do Covid-19, percebeu-se a importância de tratamentos psicológicos ou psiquiátricos à essa população, uma vez que, o cuidado em saúde mental favorece a atuação do profissional no seu local de trabalho, e a ausência deste cuidado, poderá reduzir o seu potencial de prever o cuidado.

**Tabela 2 – Monitoramento da saúde mental durante a trajetória profissional**

*Respostas	N (%)
Realizei avaliação psicológica apenas em minha admissão	39 (36,4)
Somos acompanhados por especialistas em saúde mental	9 (8,4)
Nunca passei por uma avaliação psicológica no meu trabalho	58 (54,2)
Não tenho condições de opinar	1 (0,9)

**Fonte: Pesquisa direta, 2020. \*Respostas de múltipla escolha.**

A fragilidade da medicina ocupacional, no que trata o PCMSO, é ilustrado na tabela 2. De maneira assustadora, o montante de 54,2% dos voluntários da pesquisa nunca passou por avaliação psicológica no seu ambiente de trabalho. Questiona-se de que maneira as instituições contratantes monitoram a sanidade mental dos seus colaboradores uma vez que, nenhum instrumento de controle é aplicado durante o período de exercício da atividade do cuidado?

No Brasil, o Programa de Controle Médico de Saúde Ocupacional (PCMSO) tem como objetivo a realização de exames médicos, em caráter de prevenção, rastreamento e diagnóstico precoce dos agravos à saúde relacionados ao trabalho e está presente em todas as empresas. Deve investigar os agravos inclusive de natureza subclínica, além da constatação da existência de casos de doenças profissionais ou danos irreversíveis à saúde dos trabalhadores (BRASIL, 2020).

No entanto, na lista de exames complementares, não está previsto nenhum tipo de avaliação psicológica ou orientação de qualquer conduta para este fim. Sendo assim, evidencia-se que a lei deixa a critério do médico do trabalho, prescrever ou indicar exames, medidas ou ações, a fim de que seja preservada a integridade física e mental dos colaboradores.

Sobre como estão e se estão sendo aplicadas políticas atuais voltadas à saúde do trabalhador da enfermagem nas instituições de saúde, destaca-se a iniciativa do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN, 2020), que cria um canal de atendimento ininterrupto, conduzido por enfermeiros especialistas em saúde mental, destinados a todos os profissionais de enfermagem que necessitarem de ajuda emocional nesse período de crise. O atendimento é fornecido através de um chat on-line (disponível no site do Cofen e no hotsite Juntos Contra Coronavírus). Ainda, com foco na saúde mental dos milhares de

profissionais de saúde diretamente ligados no combate ao Covid-19, o Ministério da Saúde investiu R\$ 2,3 milhões para oferta de um canal para teleconsulta psicológica, formada por profissionais de psicologia e psiquiatria entre os meses de maio e setembro de 2020 (RAMOS-TOESCHER *et al.*, 2020).

Investimentos ao nível de gestão são também importantes para que questões organizativas não alimentem sentimento de impotência e limitem o potencial criativo do enfermeiro. Repensar em práticas de promoção da saúde, estimulando a ampliação de espaços de convivência que possam ampliar laços, facilitar as trocas de conhecimento e fortalecer vínculos também poderá reduzir sentimentos opressores catalisando sentimentos produtores de vida. Assim, cuidando de quem cuida, pode-se gerar uma assistência humanizada, integral e com qualidade (SILVA *et al.*, 2020). Torna-se fundamental elaborar estratégias para a prevenção e controle dos agravos decorrentes da atividade profissional (ALVIM *et al.*, 2017).

Pode-se afirmar que são desconhecidas, a longo prazo, quais as consequências que a própria infecção pelo SarsCov2, as medidas de distanciamento e tratamento podem ter sobre o desenvolvimento cognitivo de crianças, sobre as condições neurológicas e mentais, sobre a manutenção do estímulo cognitivo de idosos. Por isso, “é necessário pensarem intervenções amplas de promoção de saúde mental e construção de redes de apoio psicossocial, incluindo escolas, serviços de saúde e outras estruturas, capazes de pensarem tais questões” (PELLANDA, 2020, p. 30).

## CONCLUSÃO

Evidenciou-se que as condições precárias para o exercício das atividades e a sobrecarga de trabalho são considerados os principais fatores que contribuem para o adoecimento mental no ambiente laboral. Percebeu-se, também, que muitas empresas contratantes realizam algum tipo de acompanhamento psicológico aos contratados apenas em sua admissão, não atentando para manter este acompanhamento ao longo do período empregatício destes profissionais. Justificado quando o período de permanência do trabalhador, na mesma instituição, teve prevalência de mais de um ano.

Observa-se que a maioria dos participantes já tiveram algum sintoma relacionado ao sofrimento psíquico, o que evidencia ainda mais a importância de medidas protetivas para afim de minimizar o adoecimento. Os relatos dos trabalhadores participantes da pesquisa reforçam este pensamento, quando percebemos um alto índice de profissionais que nunca passaram por uma avaliação psicológica durante a sua jornada de trabalho.

Ressalta-se o quanto os profissionais de enfermagem estão vulneráveis em seus ambientes de trabalho. Portanto, espera-se que este estudo sirva como um alerta aos gestores das instituições

contratantes dos profissionais de enfermagem, almejando que se construam estratégias para promoção da saúde e prevenção de doenças de acometimento psíquico nesta categoria profissional. Em destaque, durante o enfrentamento da pandemia de Covid-19, onde os profissionais de saúde estão sendo continuamente expostos a estressores e pressão do sistema de saúde. Também, espera-se que este cuidado seja integralizado de forma periódica durante a permanência destes profissionais na linha do cuidado.

## REFERÊNCIAS

ALVIM, C. C. E.; SOUZA, M. M. T.; GAMA, L. N.; PASSOS, J. P. Relação entre processo de trabalho e adoecimento mental da equipe de enfermagem. **Revista Fluminense de Extensão Universitária**, v. 7, n. 1, p. 12-16, jan./jun. 2017.

BRAGA, L. C.; CARVALHO, L. R.; BINDER, M. C. P. Condições de trabalho e transtornos mentais comuns em trabalhadores da rede básica de saúde de Botucatu (SP). **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, supl. 1, p. 1585-1596, jun. 2010.

BRASIL. Norma Regulamentadora – NR 7. **Programa de Controle Médico de Saúde Ocupacional - PCMSO** (Portaria SEPRTnº 6.734, de 9 de março de 2020). Disponível em: <http://pncq.org.br/uploads/2020-1/NR-07-2020.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2020.

CARREIRO, G. S. P.; FERREIRA FILHA, M. DE O.; LAZARTE, R.; SILVA, A. O.; DIAS, M. D. O processo de adoecimento mental do trabalhador da Estratégia Saúde da Família. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 15, n. 1, p. 146-55, 31 mar. 2013.

CASTRO-DE-ARAUJO, L. F. S.; Machado, D. B. Impact of covid-19 on mental health in a low and middle-income country. **Ciência e Saude Coletiva**, 25, 2457–2460, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.10932020>. Acesso em: 06 abr. 2020.

COFEN. Conselho Federal de Enfermagem. **Enfermagem em números**. Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/enfermagem-em-numeros>. Acesso em: 05 abr. 2020.

COREN-SP. Conselho Regional de Enfermagem São Paulo. **COREN-SP Apresenta lista de ações após sondagem sobre adoecimento mental**. 2020. Disponível em: <https://portal.coren-sp.gov.br/noticias/coren-sp-apresenta-lista-de-aco-es-apos-sondagem-sobre-adoecimento-mental>. Acesso em: 8 maio 2021.

DEWES, J. O. **Amostragem em bola de neve e respondent-driven sampling**: uma descrição dos métodos. 2013. 53f. Dissertação (Mestrado em Estatística). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2013.

FIOCRUZ. Fundação Oswaldo Cruz. **Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia Covid-19**. Disponível em: [http://www.profsaude-abrasco.fiocruz.br/sites/default/files/publicacoes/cartilha\\_recomendacoes\\_gerais\\_06\\_04.pdf](http://www.profsaude-abrasco.fiocruz.br/sites/default/files/publicacoes/cartilha_recomendacoes_gerais_06_04.pdf). Acesso em: 05 abr. 2020.

HUANG, L.; LIN, G.; TANG, L.; YU, L.; ZHOU, Z. Special attention to nurses' protection during the Covid-19 epidemic. **Critical Care**, v. 24, n. 120, 2020. Disponível em: <https://ccforum.biomedcentral.com/articles/10.1186/s13054-020-2841-7>. Acesso em: 06 abr. 2020.

LUZ, E. M. F. *et al.* Repercussões da Covid-19 na saúde mental dos trabalhadores de enfermagem. **Revista de Enfermagem do Centro Oeste Mineiro**, v. 10, n. e3824, 2020. Disponível em: <http://seer.ufsj.edu.br/index.php/recom/article/view/3824/2426>. Acesso em: 06 fev. 2021.

MARTINS, K. F.; ALVES, M. F.; DIAS, A. K. Qualidade de vida no ambiente hospitalar dos profissionais de enfermagem. **Revista Amazônia Science & Health**, v. 8, n. 1, 2020. ISSN: 2318-1419. Disponível em: <http://ojs.unirg.edu.br/index.php/2/article/view/3085/1577>. Acesso em: 02 abr. 2020.

MIRANDA, F. M. D'A.; SANTANA, L. L. ; PIZZOLATO, A. C. ;SAQUIS, L. M. M. Working conditions and the impact on the health of the nursing professionals in the context of covid-19. **Cogitare Enferm.**, v. 25, n. e72702, 2020.

OLIVEIRA, D. M. *et al.* Afastamento do trabalho por transtornos mentais e comportamentais entre profissionais de enfermagem. **Rev Cuid.**, v. 10, n. 2, e631, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15649/cuidarte.v10i2.631>. Acesso em: 02 abr. 2020.

OPAS/OMS. **Considerações psicossociais e de saúde mental durante o surto de Covid-19, 18 de março de 2020**. Disponível em: <https://iris.paho.org/handle/10665.2/51996>. Acesso em: 21 abr. 2020.

PÊGO, F. P. L.; PÊGO, D. R. Síndrome de Burnout. **Rev Bras Med Trab.**, v. 14, n. 2, p.171-6, 2016. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/rbmt.org.br/pdf/v14n2a15.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2020.

PELLANDA, L. C. Pandemia de Covid-19 e saúde mental. *In*: Vazquez, A. C. S. (Org.). **Protocolos em saúde mental na pandemia de Covid-19: um guia com diretrizes práticas**. Porto Alegre: Editora da UFCSPA, 2020. p - 23-31.

RAMOS-TOESCHER, A. M.; TOMASCHEWISK-BARLEM, J. G.; BARLEM, E. L. D.; CASTANHEIRA, J. S.; TOESCHER, R. L. Saúde mental de profissionais de enfermagem durante a pandemia de Covid-19: recursos de apoio. **Esc. Anna Nery**, v. 24, número especial, e20200276, p. 4-5, 2020.

SANTANA, L. L.; SARQUIS, L. M. M.; BREV, C.; MIRANDA, F. M. D.; FELLI, V. E. A. Absenteísmo por transtornos mentais em trabalhadores de saúde em um hospital no sul do Brasil. **Rev Gaúcha Enferm.**, v. 37, n. 1, e53485, mar. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1983-1447.2016.01.53485>. Acesso em: 06 abr. 2020.

SCHMIDT, B. C.-S. Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (Covid-19). **Estudos de Psicologia**, 9, 2020.

SCHUCK, F. W.; WEBER, G. M. F.; SCHAEFER, C. K.; REINHEIMER, M. W.; ROCKENBACH, D. M. A influência da pandemia de Covid-19 no risco de suicídio. **Braz. J. Hea. Rev.**, Curitiba, v. 3, n. 5, p. 13778-13789, set/out. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.34119/bjhrv3n5-194>. 06 abr. 2020.

SILVA, D. P.; SANTOS, I. M. R.; SILVA, J. V. S.; SANTOS, M. A.; NASCIMENTO, Y. C. M. L. Sentimentos dos profissionais de enfermagem na saúde mental: revisão para auxiliar assistência pós novo coronavírus. **Rev Recien.**, São Paulo, v. 10, n. 31, p. 142-154, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.24276/rrecien2020.10.31.142-154>. Acesso em: 21 abr. 2020.

SOUZA E SOUZA, L. P. S.; SOUZA, A. G. Enfermagem na linha de frente contra o Coronavírus: quem cuida de quem cuida? **Journal nurse and health**, v.10, número especial, e20104005, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/enfermagem/article/view/18444/11237>. Acesso em: 21 abr. 2020.

SOUZA, H. A.; BERNARDO, M. H. Prevenção de adoecimento mental relacionado ao trabalho: a prática de profissionais do Sistema Único de Saúde comprometidos com a saúde do trabalhador. **Revista brasileira de saúde ocupacional**, São Paulo, v. 44, e26, Epub July 01, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/2317-6369000001918>. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0303-76572019000100302&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0303-76572019000100302&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 06 fev. 2021.

TOLÊDO, Letícia Graciela de; SANTOS, Talita Acácia dos; BARJA, Paulo Roxo; VIRIATO, Airton. Saúde mental dos profissionais de enfermagem em tempos de pandemia de Covid-19. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 7, n. 5, p. 49163-49174, maio, 2021.



TWENGE, J. M.; JOINER, T. E. U. S. Census Bureau-assessed prevalence of anxiety and depressive symptoms in 2019 and during the 2020 Covid-19 pandemic. **Depression and Anxiety**, 1–3; 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/da.23077>. Acesso em: 06 fev. 2021.

UNITED NATIONS. **Policy Brief: Covid-19 and the Need for Action on Mental Health**. Geneva, Switzerland: World Health Organization, 2020.

VAZQUEZ, A. C. S. (Org.). **Protocolos em saúde mental na pandemia de Covid-19: um guia com diretrizes práticas**. Porto Alegre: Editora da UFCSPA, 2020.